

Santa Catarina no palco das torturas: a Operação Barriga Verde

Murilo dos Santos Garcia
murilogarcia_sc@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo tem como objetivo ascender Santa Catarina ao palco nacional no período compreendido entre 1964 e 1975. A partir de relatos de militantes políticos presos na operação e de bibliografia, o presente estudo relatará a Operação Barriga Verde, pretendendo inserir este estado no contexto nacional.

Palavras-Chave: Torturas; Santa Catarina; PCB; Operação Barriga Verde.

Abstract: This article aims to ascend to the national stage Santa Catarina in the period between 1964 and 1975. From reports of political prisoners in the operation and bibliography, this study reports the Operation Green Belly, intending to enter this state in the national context.

Keywords: Torture; Santa Catarina; PCB; Operation Barriga Verde.

Santa Catarina on stage torture: Operation Barriga Verde

A operação Barriga Verde foi um momento bastante importante na história catarinense, porém, um tanto apagado na historiografia do estado. A operação iniciou em 4 de novembro de 1975 e terminou em 1979, com a anistia dos militantes presos pela operação, que era encabeçada pelo Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do Exército, com o apoio da Polícia Federal e órgãos de segurança estaduais. Tendo como objetivos a cassação, apreensão e extração de informações, sob tortura, dos principais representantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), do estado de Santa Catarina. Foram presos no período 42 pessoas, em várias cidades catarinenses, principalmente em Florianópolis, Criciúma, Itajaí, e Joinville. Entre os 42 presos, encontravam-se personagens como Teodoro Ghercov e Newton Cândido (paulistas, representantes do Comitê Central no estado), Roberto Motta (ex-deputado estadual pelo PMDB), Marcos Cardoso Filho (engenheiro eletricitista, professor da Universidade Federal de



Santa Catarina/UFSC), Cirineu Martins Cardoso e Alécio Verzola, em Florianópolis, Júlio Serpa e Edgard Schatzmann (Joinville) e Amadeu Hercílio da Luz (Criciúma).

A preocupação do presente artigo vincula-se em mostrar a trajetória política de militantes, imbuídos no anseio de mudar o mundo e construir uma sociedade fraterna e igualitária, que envolvidos pelo turbilhão da história foram alanceados e viram seus sonhos e suas carreiras esvaindo-se de forma brutal num mar de sangue e de torturas. E também exporá que Santa Catarina não saiu impoluta da brutalidade de um governo ditatorial, ao contrário da invisibilidade que é dado ao estado frente ao período nas obras historiográficas catarinenses.

A Operação Barriga Verde

O jornalista Celso Martins da Silveira Junior, repórter da sucursal do jornal *A Notícia* (Joinville) desenvolveu efetiva militância política entre o final dos anos de 1960 até meados da década de 1990, através dos movimentos estudantis e comunitários, e em agremiações partidárias - MDB (Juventude do MDB), PMDB e PCB, do qual se tornou membro efetivo em 1975. Participou do Congresso Internacional da Juventude de 1985, em Moscou. Depois de efetiva luta frente aos ideais do PCB catarinense, a partir de 1975 passou a conservar todo material produzido referente à Operação barriga Verde, como fotos, documentos, mapas, textos, reportagens, anotações de reuniões e documentos partidários. Após a ideia de escrever algo sobre o episódio, arregaçou as mangas e partiu para a busca do testemunho de personagens como Célia Regina Garafolo, filha de Newton Candido, militante preso e torturado na operação.

Com todos esses “ingredientes” Celso Martins escreveu a belíssima obra intitulada de “Os quatro cantos do Sol. Operação Barriga Verde”¹. Obra pioneira sobre o episódio ocorrido no estado de Santa Catarina. Em entrevista para o site Terra Magazine o jornalista define, em linhas gerais, o que foi a Operação Barriga Verde da seguinte forma:

A Operação Barriga Verde, realizada pelo Exército (DOI-CODI) em Santa Catarina, teve início no dia 4 de novembro de 1975, terminando com a prisão de 42 pessoas acusadas de pertencer ao PCB. Ela ocorreu num quadro nacional de repressão aos membros desse partido clandestino, entre 1974-1975, quando cerca de 14 integrantes do Comitê Central foram presos, mortos e estão desaparecidos até hoje. Em diferentes estados ocorreram

¹ MARTINS, Celso. *Os quatro cantos do Sol. Operação Barriga Verde*. 1. Ed. Florianópolis: Edufsc, 2006.



operações semelhantes, como a Jacarta (São Paulo) e a Marumbi (Paraná), todas voltadas contra os integrantes do PCB².

Em suma, a Operação Barriga Verde foi a continuação de várias operações que já estavam ocorrendo em todo país. As operações partiram do Rio de Janeiro, entraram em São Paulo com a Operação Jacarta, passaram por Curitiba, para onde foram levados os presos sequestrados em Santa Catarina com a Operação Marumbi, aconteceram também operações em Minas Gerais e Espírito Santo.

Em Santa Catarina já havia rumores de que algo aconteceria. Em 3 de novembro de 1975, dia que antecede o início da Operação Barriga Verde, em conversas dentro da Assembléia Legislativa, o então parlamentar governista da Arena, Vinicius Tortato, na tentativa de comentar o cenário da política nacional, “um pouco desatento”, balbuciou: ‘A coisa esta ficando preta. Eu não dou meia hora para fechar tudo’. Diante do espanto geral, prosseguiu convicto: ‘Olhem só para a Baía Norte. Vem água que não acaba mais[...]’³.

É fato que Vinicius Tortato estava antecipando o episódio que iniciaria no dia seguinte. Na coluna de Informação Geral, do jornal “O Estado”, do dia 4 de novembro daquele ano, o colunista intitula uma nota de “tempo fechado”, usando desse artifício para referenciar o que Tortato havia dito, enfatizando que algo realmente aconteceria. No jornal do mesmo dia, o cartunista Tournier, lança sua charge com o título de “tempo instável”. Infelizmente as únicas matérias relacionadas à Operação Barriga Verde foram somente um breve e ambíguo texto e uma charge conotativa que mostrava nuvens e raios simbolizando nada mais que chuva ou realmente tempo feio.

Vale à pena lembrar que Santa Catarina viveu naquele ano seu inverno mais rigoroso desde 1937 e 1965. A maior parte da população e os meios de comunicação estavam com a atenção voltada para outras informações. Aumentando assim ainda mais invisibilidade da Operação frente aos meios midiáticos. As atenções estavam voltadas para a partida de futebol entre Figueirense e Fluminense, que ocorreria no dia 5 de novembro daquele ano. Outros temas regionais e nacionais também dominavam as conversas como o surto de meningite que provocou o fechamento do Colégio Menino de Jesus no dia 7 de novembro, a instalação da Eletrosul, a morte do jornalista Vladimir Herzog, o aumento de 25% da gasolina. Havia

²Entrevista do jornalista Celso Martins ao site Terra Magazine. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1233242-EI6595,00.html>>.

³MARTINS, Celso. Os quatro cantos do Sol. Operação Barriga Verde. 1. Ed. Florianópolis: Edufsc, 2006.



também fatos internacionais como a assinatura do Tratado Helsinque, o controle do Vietnã do Sul pelos comunistas do Norte, o início da Guerra Civil Libanesa.

É fato consumado que ao contrário de outros acontecimentos políticos como a Novembrada, por exemplo, a Operação Barriga Verde foi submersa pelo turbilhão de informações que ocorreram nos meios midiáticos no período. “Ao mesmo tempo em que a Novembrada foi noticiada, o que não ocorreu da mesma forma durante a Operação Barriga Verde”, palavras de Juliana Sartori⁴ em seu artigo referente ao episódio da Novembrada.

A Operação Barriga Verde não foi prognosticada somente na esfera parlamentar, os militantes do PCB catarinense já pressentiam que algo iria acontecer. “Os dias que antecederam o 4 de novembro de 1975 foram de muita angústia para os militantes do PCB em Santa Catarina, especialmente em Florianópolis, onde se encontrava a direção estadual”⁵.

A descoberta das gráficas do partido no Rio de Janeiro e São Paulo, a prisão feita pelo DOI-CODI paulista do jornalista Vladimir Herzog, por suspeita de envolvimento com o partido comunista, e sua morte logo após ser preso, em primeira versão, que prevaleceu por alguns dias nos jornais de grande circulação do país, que o jornalista havia cometido suicídio, “Jornalista suicida-se depois de confessar ligações com o PC”, dizia a manchete utilizada em matéria para o jornal “O Estado”, então jornal de maior circulação no estado, no dia 27 de novembro daquele ano.

Contudo, a primeira versão não foi aceita pelos militantes, e aconteceram diversas reações: greve dos estudantes da USP, a assembléia de emergência do sindicato dos jornalistas de São Paulo, cobrança de esclarecimentos pela bancada do MDB em Brasília, discussões acaloradas no Congresso Nacional, enfim a sociedade necessitava de esclarecimentos e utilizou várias formas para consegui-lo. Mesmo com tantos movimentos, os esclarecimentos somente apareceram mais tarde. Com os depoimentos dos jornalistas Jorge Benigno Jathay Duque Estrada e Leandro Konder, presos na mesma época no DOI-CODI, identificou-se que a morte de Herzog não foi suicídio, e sim provocada pelas torturas efetuadas no DOI-CODI paulista. Os depoimentos de Duque Estrada e Leandro Konder associados as contradições dos depoimentos dos médicos legistas Harry Chibata, Arildo de Toledo Viana e Armando Canger Rodrigues, prestados na ação judicial movida pela família

⁴ SARTORI, Juliana. *A Novembrada nas entrelinhas da imprensa catarinense*. In: X Encontro Estadual de História - II Jornada de História do Trabalho, 2004, Florianópolis. História: Trabalho, Cultura e poder. Florianópolis : UFSC, 2004.

⁵ Op. Cit. MARTINS, 2006.



de Herzog, desnudaram a versão do suicídio. Por fim, a União foi responsabilizada pela prisão, tortura e morte de Herzog.

O episódio foi aclamado e considerado uma vitória na luta contra a ditadura, especialmente pelo PCB e seus membros. A forte reação da opinião pública que se reflete na “vitória” do “episódio Herzog” trouxe um ar de calmaria aos militantes catarinenses, muitos viviam um momento de satisfação e de entusiasmo. Em geral havia o presságio de que o pior já havia passado e que se houvesse algo ainda seriam somente prisões. “Dominava a sensação de que o pior havia passado. Se ocorressem prisões, seriam passageiras”⁶.

Entre contatos diretos com “companheiros” do Paraná, Alécio Verzola, militante catarinense conversava com o irmão de Vladimir Amarante, militante preso no estado do Paraná. “Quando soubemos da prisão do Vladimir Amarante, no Paraná, fizemos contatos com o irmão dele aqui. Ele nos garantiu que estava tudo legal com o Vladimir, que ele estava bem, não estava sendo torturado”⁷. As direções do Partido dos estados do Paraná e São Paulo davam a orientação de que realmente não havia motivo para preocupações. Enfim, tudo aspirava uma esfera de sutileza por parte do Governo. Contudo, nem todos militantes viam da mesma forma. Para alguns a prisão e morte de Herzog era o indício de que as coisas poderiam piorar, e de que era hora de optar pela prevenção.

Verzola garante que uma semana antes das prisões, havia entregue dinheiro a Teodoro Ghercov, principal dirigente no Estado, membro do comitê central desde 1967. ‘Tem que se mandar’ disse na ocasião. ‘A gente achou que ele tinha ido embora, quando no dia 3 ele apareceu na livraria, dizendo que ia embora no dia seguinte. Realmente estava saindo de casa quando foi preso’, conta Alécio⁸.

Com a prisão e morte de Herzog, muitos militantes viram-se no ápice do clima de insegurança e tensão, e no mesmo momento inicia-se a espionagens dos militantes que mais tarde seriam presos. Wilson Rosalino da Silveira conta que

Percebia que ao sair de casa pela manhã, tinha um carro estacionado a alguma distância de minha casa com algumas pessoas dentro. Esse carro partia imediatamente atrás de mim e para onde eu ia. Estacionava e ele parava a certa distância. Isso acontecia quando vinha para a Universidade ou a Assembléia. Ficou muito fácil perceber que estava sendo seguido. Me

⁶ Ibidem.

⁷ Anotações de entrevista com Alécio Verzola. Florianópolis, 17.05.2003.

⁸ Op. Cit. MARTINS, 2006.



acompanhavam todos os dias desde a manhã, todo o dia, me deixavam em casa, digamos assim, e se mandavam⁹.

Era evidente que a “temporada de caça” estava aberta. Vilson Rosalino observando os fatos exilou-se na França, sendo um dos poucos a conseguir furar o cerco¹⁰. Apesar de todas as evidências, era corrente a interpretação de que levariam uns poucos para prisão, e não haveria torturas, afinal quase todos comunistas estavam atuando na legalidade de fato, através do MDB, do Iepes e da juventude do MDB, além de um início de reorganização do PCB na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Porém, no dia 4 de Novembro de 1975, entrou em efetiva ação a Operação Barriga Verde. Pela manhã iniciaram-se as abordagens dos agentes do DOI-CODI. Marcos Cardoso Filho¹¹, então professor do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), preso e torturado durante a Operação, afirma

As prisões iniciaram-se dia 4 de novembro pela manhã. Antes disso estávamos sendo seguidos por elementos estranhos. Falei prisões, mas na realidade foram seqüestros. Sem qualquer ordem de prisão ou aviso aos nossos familiares. As nossas casas foram invadidas ilegalmente. Foram retirados sem ordem, livros, objetos de uso pessoa, não só dos que estavam nas mãos da repressão, mas também dos familiares.

As abordagens eram feitas das formas mais estúpidas e brutais possíveis, antes de algo parecido a uma prisão, as abordagens mais pareciam assaltos à mão armada ou literalmente seqüestros. “Havia três carros naquele dia e quando me aproximei da esquina, para descer o morro, os três pularam em cima de mim, um me bateu com revólver, o outro já colocou os óculos, me algemaram rapidamente e me jogaram dentro do carro”, conta Alécio Verzola¹², estudante e funcionário de uma livraria na Capital, preso e torturado. Uso dos óculos escuros nas abordagens era bastante comum, testemunho de muitos militantes relatam com frequência a prática.

Após serem “seqüestrados”, eram levados primeiramente para as dependências do Exército local (63 BI). Em primeira instância, depois de arremessarem os “seqüestrados”

⁹ Transcrição de entrevista concedida por Vilson Rosalino da Silveira à Iva Giacomelli. Florianópolis, 29.07.1995.

¹⁰ MARTINS, Celso.

¹¹ Carta de Marcos Cardoso Filho escrita em 21 de dezembro de 1975, no 4º Batalha de Polícia Militar em Florianópolis.

¹² Transcrição de depoimento concedido por Alécio Verzola à Ivan Giacomelli. Florianópolis, [1995].



dentro do carro já com os óculos escuro, os agentes procuravam dar inúmeras voltas sem direção na tentativa de evitar que “seqüestrados” soubessem para onde estavam sendo levados. Marcio Campos¹³, relata:

O cidadão abriu o paletó, mostrando uma metralhadora a tiracolo. Obrigando a entrar dentro de um carro, e, logo em seguida, me colocaram uns óculos pretos de soldador e deram voltas infundáveis pela cidade. Depois fui conduzido ao quartel do Exército, como pude verificar posteriormente.

Ao chegar no 63 BI, os “seqüestrados” eram torturados física e mentalmente e, em seguida, colocados frente com outros militantes que já haviam sido presos, na tentativa de extrair informações concretas e ter certeza de que ninguém havia prestado informações equivocadas. Segundo Alécio Verzola:¹⁴

Perguntaram se eu conhecia o Teodoro, disse que não. Aí perguntaram seu conhecia o Newton, um cara que era de São Paulo e foi preso no Paraná, e que andou por aqui uns tempos. Tu conhece um tal Raul? Não. Aí trouxeram ele diante de mim e perguntaram: conhece esse homem? Eu disse: conheço. Aí eu percebi que não adiantava negar mais.

Era muito comum usar pseudônimos e códigos dentro da organização. Raul era apenas o pseudônimo de Teodoro Ghercov, conhecido também como “o romeno”, fazia parte do CC (Comitê Central). Veio de São Paulo para liderar e organizar a frente do PCB catarinense. Após serem torturados no 63 BI, os presos foram encaminhados para o DOI-CODI de Curitiba. Forma levados nas piores e mais humilhantes condições possíveis.

Os que eram conduzidos em furgão, no ‘cofre’, tinham seu braços algemados e atados a um cano que corre por baixo do assento, ficando sentados, entretanto, com o corpo em posição incômoda (o tórax e a cabeça tinham que ser mantidos baixados). Exatamente dessa maneira, fomos conduzidos até Curitiba¹⁵.

Sob péssimas condições de transporte os presos sofriam ainda com torturas psicológicas durante a viagem. “Num camburão botaram eu, Motta, Vladimir, Cirineu,

¹³ Entrevista de Márcio Campos concedida à Patrícia Santos em 13.08.1986. SANTOS, Patrícia. *1964 através da imprensa em Santa Catarina: O caso catarinense - Reflexos do estado autoritário da Operação Barriga Verde*. Florianópolis: UFSC, 1986. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1986.

¹⁴ Transcrição de depoimento concedido por Alécio Verzola à Ivan Giacomelli. Florianópolis, [1995?].

¹⁵ Relato das torturas sofridas pelos presos políticos de Santa Catarina, durante a Operação Barriga Verde, iniciada em Santa Catarina em 4.11.1975. Florianópolis, 23.02.1976.

Teodoro e Newton. “Paramos no meio do caminho, fizeram uma porção de encenação. Abra a porta, vamos fuzilar e tal. Mas não abriam porta nenhuma!”¹⁶. Chegando em Curitiba os presos sofreram as mais horrendas torturas. Segundo o jornal “A Notícia”, foi a primeira vez que se usou a tortura sistemática contra dissidentes do regime em Santa Catarina. Foram utilizados métodos como pau-de-arara, choques elétricos e empalamento. Relatos de torturados:

“Fez-me tirar as roupas. Era uma noite terrivelmente fria. Mandou então ficar sobre uma lata de cera destampada (estava descalço), ficando genuflexo, com os braços horizontais e as palmas das mãos para cima. Recebi várias raquetadas para ‘experiência’. Se caísse ou mudasse de posição receberia duas delas em cada mão. Deram-me então vários eletrochoques. Como perdesse o equilíbrio, levei várias raquetadas novamente. Fiquei nessa situação mais de dez minutos”¹⁷.

“Durante os dias em que estivemos seqüestrados não tomamos banho, a alimentação era servida apenas uma vez por dia, com restos de comida. Não nos davam água para beber”¹⁸.

“Deram-me então várias raquetadas nas nádegas e nas solas dos pés. Depois derramaram inúmeros copos de café fervente sobre os órgãos sexuais. Como permanecesse calado, ameaçaram e levaram a efeito o afogamento no pau-de-arara. Como estava encapuzado, molharam o capuz e que passou a aderir ao nariz e à boca, tornando a respiração praticamente impossível”¹⁹.

“Comigo descobriram que eu era asmático e me colocaram num quarto pequeno e jogaram pó para matar pulgas. Isso me deu alergia, e a asma me atacou de tal maneira que eu chegava desmaiar. Eu tinha ataques violentos”²⁰.

Cada militante ficou cerca de dez dias preso no DOI-CODI em Curitiba. Após serem exprimidas as informações necessárias foram levados à Florianópolis novamente. Contudo, chegando a capital catarinense foram levados para vários lugares diferentes. Eleneide e Rosemarie Cardoso Bittencourt (presa em Joinville) foram alojadas no Hospital Celso Ramos, os demais permaneceram nas celas do 4º Batalhão de Polícia Militar (4º BPM) e depois na então Colônia Penal Agrícola de Canasvieiras, hoje desativada. No quartel da Polícia Federal, foram recepcionados pelo encarregado do inquérito, o bacharel Lucio. Utilizando-se das

¹⁶ Transcrição do depoimento concedido por Alécio Verzola à Ivan Giacomelli. Florianópolis, [1995].

¹⁷ Carta de Marcos Cardoso Filho escrita em 21 de dezembro de 1975, no 4º Batalha de Polícia Militar em Florianópolis.

¹⁸ Relatório sobre repressão política. 1975-1977. Por Julio Adelaido Serpa. Joinville. Sem data. Acervo do autor.

¹⁹ Carta de Marcos Cardoso Filho escrita em 21 de dezembro de 1975, no 4º Batalha de Polícia Militar em Florianópolis.

²⁰ Entrevista de Edgar Schatzmann a Patrícia Santos em 2.8.1986.



mesmas táticas praticadas em Curitiba e, aproveitando-se do estado físico, psicológico e tumulto mental que se encontravam os militantes, iniciou o interrogatório policial, transcrevendo os relatórios vindos de Curitiba, obrigando-os um a um a assiná-los.

Antes de chegarmos a nossa prisão fomos levados para novo interrogatório na Polícia Federal de Santa Catarina. Achamos que poderíamos mudar nossos depoimentos feitos sob pressão. Mas, qual não foi nossa surpresa, quando o encarregado dos inquéritos, bacharel Lucio, nos apresentou os depoimentos prontos iguais aos que tinha sido feitos sob tortura em nosso cativeiro em Curitiba, sob ameaças de nos mandar de volta de onde tínhamos vindo. Debilitados fisicamente e emocionalmente, não tivemos como reagir e assinamos o que o Dr. Lucio quis²¹.

É indubitável que as marcas deixadas pelos atos de torturas que sofreram os militantes catarinenses os acompanharam pelo resto de suas vidas. Muitos foram para manicômios, pois não resistiram às torturas sofridas, muitos morreram e alguns se suicidaram. Os prejuízos causados a estes cidadãos foram crônicos e serão carregados em sua própria pele e mente até o final de suas vidas.

Contudo, no final de 1977, quase todos tiveram as prisões preventivas relaxadas, e muitos foram obrigados a voltar para as celas depois do julgamento realizado em fevereiro de 1978. Somente com a anistia política de 1979, os envolvidos na Operação Barriga Verde puderam retornar às suas atividades profissionais e políticas normais, apesar de quase todos terem permanecido com as marcas do período.

Considerações finais

Enfim, descobrimos todos os dias que os métodos de força utilizados pelo Regime Militar não passaram impunes em nenhuma parte desse imenso país. A luta de cidadãos pela busca de algo diferente e melhor serviu de motivo para serem seqüestrados, mortos e torturados. Que sua luta acabou nas mãos de mercenários das formas mais desumanas e inimagináveis. E mais, como sabemos, o PCB é um partido que desde sua fundação até a Promulgação da “mais democrática das Constituições Brasileiras”, viveu na legalidade apenas por dois anos, 1945-1947. Na constituição de sua história são vários os relatos da dificuldade de produção documental, por questões de segurança, e de destruição daqueles produzidos, seja pela apreensão da polícia, seja pela perseguição e morte dos militantes e das pessoas

²¹ Relatório sobre repressão política.



próximas ao partido durante o Regime Militar. Fato que implica diretamente às fontes necessárias à pesquisa histórica.

Tal como as fontes, a produção bibliográfica sobre a atuação do PCB em Santa Catarina também é escassa, principalmente ao que se refere aos trabalhos historiográficos. Fato que é notório e discutido por autores que visam escrever sobre o momento, a única obra historiográfica sobre o Partido é a dissertação de mestrado de Jaci Guilherme Vieira, intitulada História do PCB em Santa Catarina – da sua gênese até a operação Barriga Verde (1922 a 1975). Nela o autor também aponta a escassez de fontes e opta pela história oral como recurso metodológico, conforme nos fala Araújo²². Portanto, a dificuldade de encontrar fontes e bibliografias, tornou-se um obstáculo e um grande desafio aos historiadores que visam produção historiográfica sobre a Operação Barriga Verde, assim como qualquer outra coisa neste período acerca do PCB.

Fica exposto a todos o mar de brutalidade e crueldade que inundou Santa Catarina no ano de 1975. É explícito o porquê da falta de fontes e bibliografias. Fica aqui, o agradecimento à História Oral, método e fonte que possibilitou esse tipo de trabalho e muitos outros.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Fernanda. *De pé ó vitimas da fome: a reestruturação do Partido Comunista Brasileiro em Florianópolis nas palavras e ações de um militante*. Sem data. Disponível em: <<http://www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anais/st4/st4maria.doc>>

MARTINS, Celso. Os quatro cantos do Sol. Operação Barriga Verde. 1. Ed. Florianópolis: Edufsc, 2006.

SANTOS, Patrícia. *1964 através da imprensa catarinense - Reflexos do estado autoritário em Santa Catarina: O caso da Operação Barriga Verde*. Florianópolis: UFSC, 1986. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Historia, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1986.

SARTORI, Juliana. *A Novembrada nas entrelinhas da imprensa catarinense*. In: X Encontro Estadual de História - II Jornada de História do Trabalho, 2004, Florianópolis. História: Trabalho, Cultura e poder. Florianópolis : UFSC, 2004.

FONTES

²² ARAUJO, Maria Fernanda. *De pé ó vitimas da fome: a reestruturação do Partido Comunista Brasileiro em Florianópolis nas palavras e ações de um militante*. Sem data. Disponível em: <<http://www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anais/st4/st4maria.doc>>



Entrevista com o jornalista Celso Martins sobre a Operação Barriga Verde, Novembrada e outras resistências. Disponível em:

<<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/04/277617.shtml>>

Entrevista do jornalista Celso Martins ao site Terra Magazine. Disponível em:

<<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1233242-EI6595,00.html>>

Jornal AN-Florianópolis, domingo 30 de outubro de 2005. Disponível em:
<http://www.sc.gov.br/clipping_governo/noticia_int.asp?str_data=30/10/2005&cd_noticia=103549&str_retorno=clipping.asp>

MARTINS, Celso. Os quatro cantos do Sol. Operação Barriga Verde. 1. Ed. Florianópolis: Edufsc, 2006.

Reportagem sobre o livro “Os quatro cantos do Sol. Operação Barriga Verde”. Disponível em:

http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc_mensal/jbcc286/jbcc_midiografia_pagina_5.htm

Anotações de entrevista com Alécio Verzola. Florianópolis, 17.05.2003.

Transcrição de entrevista concedida por Vilson Rosalino Da Silveira à Ivan Giacomelli. Florianópolis, 29.07.1995.

Carta de Marcos Cardoso Filho escrita em 21 de dezembro de 1975, no 4º Batalha de Polícia Militar em Florianópolis.

Transcrição de depoimento concedido por Alécio Verzola à Ivan Giacomelli. Florianópolis, [1995].

Entrevista concedida por Marcio Campos à Patrícia Santos em 13.08.1986. SANTOS, Patrícia. *1964 através da imprensa catarinense - Reflexos do estado autoritário em Santa Catarina: O caso da Operação Barriga Verde*. Florianópolis: UFSC, 1986. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1986.

Relato das torturas sofridas pelos presos políticos de Santa Catarina, durante a Operação Barriga Verde, iniciada em Santa Catarina em 4.11.1975. Florianópolis, 23.02.1976.

Relatório sobre repressão política. 1975-1977. Por Julio Adelaido Serpa. Joinville. Sem data. Acervo do autor.

Entrevista concedida por Edgar Schatzmann à Patrícia Santos em 2.8.1986. SANTOS, Patrícia. *1964 através da imprensa catarinense - Reflexos do estado autoritário em Santa Catarina: O caso da Operação Barriga Verde*. Florianópolis: UFSC, 1986. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1986.

*** Recebido em 06 de junho de 2010. Aceito para publicação em 29 de junho de 2012.**

